THE ZOO STORY

Texto de Edward Albee

PERSONAGENS

PETER

Homem de quarenta e poucos anos, nem gordo nem magro, nem bonito nem feio. Traja calça de casimira, fuma cachimbo e usa óculos tartaruga. Embora esteja aproximado à meia idade, seu modo de vestir e de agir sugere um homem mais jovem.

JERRY

Está perto dos quarenta anos. Não se veste mal, porém despreocupadamente. Seu corpo, outrora bem feito e de músculos ágeis, começou a engordar. Embora tenha deixado de ser belo, é evidente que já o foi. A perda de seus dotes físicos não deve sugerir devassidão. Para chegarmos mais próximos da verdade, diremos que é possuído de uma grande fadiga.

AÇÃO

Central Park, em New York City, numa tarde de domingo, verão. Atualidade. Dois bancos típicos de parque. Atrás destes, folhagens, árvores. No começo, Peter está sentado em um dos bancos. Quando, sobe o pano, ele está lendo um livro. Pára de ler, limpa os óculos e volta à leitura. Entra Jerry.

JERRY – Estive no zoológico. **(Peter não nota sua presença.)** Eu disse que estive no zoológico. Meu amigo: eu estive no zoológico!

PETER – Hein?... Que foi?... Perdão. O senhor falou comigo?

JERRY – Fui ao zoológico e depois vim a pé até aqui. Estive andando na direção norte?

PETER (Espantado) – Norte? Eu penso que sim. Deixa eu ver.

JERRY (Com um gesto em direção à platéia) – Aquela é a Quinta Avenida?

PETER – É sim, sim, perfeitamente.

JERRY – E aquela travessa ali, qual é? Aquela da direita!

PETER – Aquela? Aquela é a Rua Setenta e Quatro.

JERRY – E o zoológico fica para os lados da Rua Sessenta e Cinco. Então, eu estava indo para o norte.

PETER (Ansioso por voltar à leitura) – É sim, parece.

JERRY – Sempre gostei do velho norte.

PETER (Alegremente, por reflexo) – Hum, hum!...

JERRY (Depois de uma ligeira pausa) – Mas não é o norte propriamente dito.

PETER – Eu... Bem, de fato, não é o norte propriamente dito, mas nós... chamamos de norte. É boreal.

JERRY (Observa Peter que, ansioso por ver-se livre dele, procura o cachimbo) – Muito bem, meu rapaz, vê-se que não terá câncer de pulmão, não é?

PETER (Ergue o olhar, um pouco aborrecido, depois sorri) – Não, senhor. Com isso não.

JERRY (Passa por trás do banco) – Não, senhor. O que o senhor vai ter, provavelmente, é câncer na boca e depois vai ser obrigado a usar um daqueles negócios que Freud usou. Como é o nome daquilo mesmo?

PETER (Constrangido) – Prótese?

JERRY – Isso mesmo. O senhor é um homem instruído, hein? Médico?

PETER – Oh, não, não! Li um artigo a respeito em qualquer parte. Acho que foi na Time. **(Volta à leitura.).**

JERRY – Bem, a Time não é revista para qualquer um.

PETER – Creio que não.

JERRY (Depois de uma pausa) – Velho, fiquei contente de saber que aquela é a Quinta Avenida.

PETER (Vagamente) – É.

JERRY – Não gosto muito do lado oeste do parque.

PETER – Não? **(Depois, ligeiramente ponderado, mas com interesse)** Por quê?

JERRY (Repentinamente) – Não sei.

PETER – Oh! **(Continua lendo.).**

JERRY (Fica alguns segundos parado, observando Peter, que finalmente torna a erguer o olhar, espantado) – O senhor se importa se conversarmos um pouco?

PETER (Que evidentemente se importa) – Ora... Em absoluto.

JERRY – Importa, sim. Importa.

PETER (Abaixa o livro, apaga e guarda o cachimbo, sorrindo) – Não, mesmo. Não me importo.

JERRY – Importa sim.

PETER (Finalmente decidido) – Não, eu não me importo. Pode crer.

JERRY (De frente para a platéia) – Está... Está fazendo um lindo dia.

PETER (Olhando desnecessariamente para o céu) – Sim, é verdade. Lindo.

JERRY (A Peter) – Estive no zoológico.

PETER – É, acho que já me disse... Não disse?

JERRY (Sempre voltado para frente) – O senhor vai ler sobre isso nos jornais, amanhã, se não assistir essa noite pela TV. **(Para Peter.)** O senhor tem televisão, não tem?

PETER – Sim, temos duas. Uma é só para as crianças.

JERRY – O senhor é casado?

PETER (Satisfeito e enfático) – Ora, claro que sim.

JERRY – Pelo amor de Deus. Não há nenhuma lei que nos obrigue a casar.

PETER – Não... Não, claro que não.

JERRY – E o senhor tem esposa?

PETER (Desnorteado pela aparente falta de comunicação) – Tenho.

JERRY – Tem filhos?

PETER – Sim, dois.

JERRY – Homens?

PETER – Não, meninas... Duas meninas.

JERRY – Mas o senhor preferia ter meninos?

PETER – Bem... É claro. Todo homem sempre quer ter um menino, mas...

JERRY (Com zombaria) – Mas não podemos mudar as listras de uma zebra.

PETER (Aborrecido) – Não era isso que eu ia dizer.

JERRY – E vocês não vão ter mais filhos, vão?

PETER (Um pouco reservado) – Não. Não vamos mais. **(Peter volta-se para Jerry, depois volta à posição original, dizendo de modo aborrecido.)** Por que o senhor diz isso? Como é que pode saber?

JERRY – Pelo modo de cruzar as pernas, talvez. Alguma coisa na sua voz. Ou talvez seja só um palpite. E a sua mulher?

PETER (Furioso) – Isso não é de sua conta. **(Um silêncio.)** Entendeu? **(Jerry faz com a cabeça que sim. Dando dois passos, ele se acerca de Peter, que já se acalmou.)** Acertou. Nós não vamos mais ter filhos.

JERRY (Baixinho) – É velho: não podemos mudar as listras de uma zebra.

PETER (Perdoando) – É... Acho que tem razão.

JERRY – Bem. Que mais?

PETER – O que é que o senhor estava me falando do zoológico... Que eu ia ler nos jornais, ou assistir na televisão?

JERRY – Daqui a pouco eu conto. O senhor não se importa se eu lhe fizer mais perguntas?

PETER – Claro que não.

JERRY – Vou lhe dizer por que faço isso: quase não converso com ninguém, a não ser para dizer “me dá uma cerveja”, ou “onde fica o mictório”, ou “a que horas começa a próxima sessão” ou “tire a mão daí, rapaz”. O senhor sabe: coisas assim.

PETER – Confesso que eu não...

JERRY – Mas uma vez ou outra, gosto de conversar com alguém, conversar mesmo, conhecer alguém a fundo.

PETER (Rindo despreocupadamente) – Quer dizer que hoje me pegou para cobaia?

JERRY – Numa tarde ensolarada de domingo como esta? Quer melhor do que um homem casado, simpático, pai de duas filhas e um... cachorro **(Peter sacode a cabeça.)**, Não tem cachorro? **(Peter sacode a cabeça tristemente.)** Ah, que pena! Mas o senhor tem cara de quem gosta de animais. Gatos? **(Peter assente tristemente.)** Gatos. **(Com o pé no banco.)** Mas isso não deve ser idéia sua, não senhor. Da sua mulher? Das filhas? **(Peter assente com movimento da cabeça.)** Mais alguma coisa que eu deva saber?

PETER (Sentindo-se forçado a pigarrear) – Temos... Temos dois periquitos. Um... Um para cada uma das meninas.

JERRY – Aves.

PETER – Estão engaiolados... Em duas gaiolas..., no quarto delas.

JERRY – E elas não têm doenças?... As aves?

PETER – Acho que não.

JERRY – Que pena. Porque se tivessem uma doença qualquer, o senhor podia soltá-las dentro de casa, e os gatos podiam comê-las e talvez morrer. **(Peter tem um olhar vago por um momento, depois ri.)** E que mais? E o que o senhor faz para sustentar essa enorme família?

PETER – Eu trabalho na gerência de uma pequena editora. Nós publicamos livros escolares.

JERRY – Deve ser bom, muito bom. Quanto o senhor ganha?

PETER (Ainda animadamente) – Escuta aqui.

JERRY – Ora, vamos, diga.

PETER – Bem, ganho mais ou menos dezoito mil por ano, mas nunca levo mais de quarenta dólares no bolso, seja onde for... Caso o senhor seja um..., um assaltante... Ah, ah, ah!

JERRY (Sem dar atenção a esse aparte) – Onde é que o senhor mora? **(Peter mostra relutância para responder.)** Escute aqui: eu não vou roubá-lo, nem vou raptar seus periquitos, seus gatos e nem suas filhas.

PETER (Alto demais) – Moro na Rua Setenta e Quatro, entre a Lexington e a Terceira Avenida.

JERRY – Não foi tão difícil assim, foi?

PETER – Eu não tive a intenção... O fato é que o senhor não conversa simplesmente, fica só fazendo perguntas. E eu sou... Geralmente, eu sou..., uma pessoa reservada. Por que está parado aí, desse jeito?

JERRY – Daqui a pouco vou começar a andar e quando chegar a hora, eu me sentarei. **(Recordando.)** Espere até ver a expressão no rosto dele.

PETER – O que? No rosto de quem? Escute, isto tem alguma relação com o zoológico?

JERRY (De modo reservado) – O que?

PETER – O zoológico. O jardim zoológico. Alguma relação com o zoológico?

JERRY – Zoológico?

PETER – O senhor falou nele uma porção de vezes.

JERRY (Ainda reservado, mas voltando abruptamente) – O zoológico? Ah, sim, o zoológico! Antes de vir aqui, estive lá. Eu já contei. Me diga uma coisa: qual é a linha que divide a metade superior da metade inferior da classe média?

PETER – Meu caro amigo...

JERRY – Não me chame de “meu caro amigo”.

PETER (Infeliz) – Fui formal? Creio que sim. Perdão. Mas compreenda, essa questão de classes me desnorteia.

JERRY (Com as mãos no banco) – E quando fica desnorteado, torna-se formal?

PETER – Eu... Eu, às vezes não me explico muito claramente. **(Procurando gracejar consigo mesmo.)** Eu sou um editor e não um escritor.

JERRY (Divertindo-se, mas não com o humor de Peter) – Assim seja. A verdade é esta: você estava sendo formal.

PETER – Vamos, também não precisa falar assim. **(A partir deste momento, Jerry poderá começar a andar pelo palco com uma resolução e autoridade que irão aumentando aos poucos, mas andando a passo, para que a longa fala sobre o cachorro venha a ser o ponto alto do ato.).**

JERRY – Está certo. Quais são os seus autores favoritos? Baudelaire ou J. P. Marquand?

PETER (Cauteloso) – Bem, gosto de uma porção de escritores. Tenho uma admirável..., universalidade de gosto, se me permite que o diga. Esses dois homens são excelentes, cada qual ao seu modo. **(Animando-se.)** Baudelaire, naturalmente... É sem dúvida o melhor dos dois, mas Marquand tem lugar de destaque..., em nossa literatura nacional...

JERRY – Esquece...

PETER – Eu... Desculpe?

JERRY – Sabe o que fiz hoje, antes de ir ao zoológico? Vim a pé pela Quinta Avenida desde a Washington Square.

PETER – Ah, compreendo: o senhor mora no Village. **(Isto parece aclarar as idéias de Peter.).**

JERRY – Não, não moro. Tomei o metrô para o Village, para poder subir a pé toda a Quinta Avenida até o zoológico. É uma dessas coisas que uma pessoa tem de fazer: às vezes é preciso que a gente se afaste muito do caminho, para voltar uma pequena distância na direção certa.

PETER (Quase amuado) – Ah, eu pensei que o senhor morasse no Village.

JERRY – O que é que o senhor está tentando fazer? Procurar algum sentido no que eu digo? Catalogar fatos? A velha história do rótulo? Ah, isso é fácil. Moro numa pensão de tijolos avermelhados, de quatro andares, no lado oeste, entre a Avenida Columbus e o oeste Central Park. Moro no último andar, fim do corredor, lado oeste. O meu quarto é um quarto ridículo de tão pequeno e uma de minhas paredes é de madeira. Esta parede separa o meu quarto de outro quarto, também ridículo, de tão pequeno. Assim eu imagino que os dois quartinhos eram, antigamente, um quarto só, um quarto pequeno, mas não necessariamente ridículo. O quarto do outro lado da minha parede de tábua é ocupado por uma bicha negra que vive sempre de porta aberta. Bem, não sempre: mas toda a vez que depila as sobrancelhas, o que faz com uma concentração budista. Coisa rara, esta bicha negra, tem os dentes podres, o que é raro, e um quimono japonês, que é também bastante raro. Esse quimono ele usa para passar no corredor, quando vai e volta do banheiro, coisa bem freqüente. O que eu quero dizer é que ele vive indo ao banheiro. Nunca me chateia e nunca traz ninguém para o seu quarto. O que faz, é depilar as sobrancelhas e usar o quimono toda a vez que vai ao banheiro. Os dois quartos da frente, no meu andar, são maiores, mas também não são grandes. Num deles,

tem uma família porto-riquenha: o marido, a mulher e não sei quantos filhos. Essa gente tem visitas aos montes. E, no outro quarto da frente, mora alguém que eu não sei o que é. Nunca vi quem é. Nunca, nunca.

PETER (Atrapalhado) – Por que... Por que mora lá?

JERRY (Outra vez distante) – Não sei.

PETER – Não me parece muito agradável esse lugar que o senhor mora.

JERRY – De fato, não se pode comparar com um apartamento do seu bairro. Mas eu não tenho esposa, duas filhas, dois gatos e dois periquitos. O que é que eu tenho? Eu tenho alguns artigos para a minha toalete, algumas roupas, um fogareiro elétrico - que não é permitido ter -, um abridor de latas – sabe? – desses que funcionam com uma chave, uma faca, dois garfos, duas colheres – uma de chá e outra de sopa -, três pratos, uma xícara, um pires, um copo, duas molduras – ambas vazias -, oito ou nove livros, um baralho pornográfico, outro comum, uma velha máquina de escrever da Western Union – que só bate letras maiúsculas – e um pequeno cofre sem fechadura, que tem dentro o quê? Pedras: algumas pedras..., que apanhei na praia quando eu era menino. E, debaixo dessas pedras, que servem de peso, estão algumas cartas... Cartas de ‘por favor, não faça isso’, ‘por favor, não faça aquilo’. E também algumas cartas de ‘quando’, também ‘quando me escreverás?’, ‘quando virá me visitar?’. Essas cartas são de anos mais recentes.

PETER (Carrancudo, ele fita seus sapatos, depois) – Sobre aquelas molduras vazias...

JERRY – Não vejo porque elas devam ter alguma explicação. Não está claro? Não tenho o retrato de ninguém para botar nelas.

PETER – Seus pais... Ou então..., alguma namorada...

JERRY (Passa para trás do banco) – O senhor é um amor de criatura, dotado de uma inocência verdadeiramente invejável. Mas minha pobre mãe e meu pobre pai morreram... Sabia? O que me partiu o coração... Não estou brincando. Mas essa cena de “vaudeville” está sendo representada nas nuvens, de modo que não eu poderia olhar para eles, todos arrumadinhos, e emoldurados. Além disso, ou melhor, para ser exato: a pobre mãe deu o fora no pobre papai quando eu tinha dez anos - embarcou numa turnê adúltera pelos estados do sul, numa viagem que durou um ano..., e, a companhia mais constante dela, entre outros, outros e muitos outros..., era um tal Mr. Barley-corn. Pelo menos, foi isto que o pobre papai me contou logo depois que ela foi para o sul... Voltou..., e trouxe o cadáver dela para o norte. Nós tínhamos recebido notícias entre o Natal e o Ano Novo – veja -, de que a pobre mamãe tinha ido desta para melhor num puteiro no Alabama. Seja como for, o pobre do papai comemorou o Ano Novo por uns quinze dias e depois deu uma cabeçada na frente de um ônibus, o que – por assim dizer -, terminou tudo familiarmente. Bom, não. Depois teve a irmã de minha mãe que não era dada ao pecado nem ao consolo da bebida. Fui morar com ela e dela só me restam várias recordações. Só lembro-me que ela fazia todas as coisas com muita severidade: dormir, trabalhar, rezar. Ela caiu morta na escada de seu apartamento na tarde da minha formatura no ginásio. Se quiser saber a minha

opinião, esta foi uma piada de mau gosto, típica da Europa Central. Ho, ho, ho!

PETER – Meu Deus! Meu Deus!

JERRY (Acercando-se de Peter) – Sou o quê? Mas isso faz muito tempo, e hoje não me faz frio nem calor. Mas, talvez agora compreenda porque minha pobre mamãe e meu pobre papai estão sem moldura. Como é o seu nome? Seu primeiro nome?

PETER – Peter.

JERRY – Eu tinha me esquecido de perguntar. Eu sou Jerry.

PETER (Com uma risadinha nervosa) – Oi, Jerry.

JERRY (Cumprimentando com um movimento de cabeça) – E agora vejamos: que adianta ter o retrato de uma mulher, especialmente em duas molduras. Tenho duas molduras, e você está lembrado. Nunca durmo com as prostitutas mais de uma vez, e a maioria delas não se deixaria trancar num quarto onde houvesse uma máquina fotográfica. É estranho: às vezes eu fico imaginando se não será triste.

PETER – Essas mulheres?

JERRY – Não. Fico pensando, será que não é triste o fato de eu não dormir com uma puta mais de uma vez? Nunca fui capaz de trep..., ou, como se diz: fazer amor, mais de uma vez com a mesma pessoa. Uma única vez: é isto... Oh, espere... **(Dá dois passos na direção de Peter.)** Durante uma semana e meia, quando eu tinha quinze anos – abaixo minha cabeça de vergonha pelo atraso de minha puberdade... Eu fui homossexual. **(Depressa.)** Bicha,

bicha, bicha..., com sinos badalando, plumas agitadas ao vento. E durante aqueles onze dias, eu me encontrava, pelo menos, duas vezes por dia, com o filho do superintendente do parque..., um rapaz grego, que fazia anos no mesmo dia que eu, só que era um ano mais velho. Acho que eu estava muito apaixonado..., talvez somente sexo. E agora, oh, como adoro as mulheres, realmente eu as adoro! Durante uma hora.

PETER – Bem, tudo isto me parece muito simples. O fato é que o senhor tem...

JERRY (Zangado, afastando-se) – Olha aqui, o que é que você quer? Quer que eu me case e tenha periquitos?

PETER (Zangado também) – Esqueça os periquitos e continue solteiro se quiser. Não tenho nada com isso. Para começar, não fui eu quem puxou esta conversa...

JERRY – Está bem, desculpe. Está certo? Você não está zangado?

PETER (Rindo) – Não, não estou zangado.

JERRY (Aliviado) – Ótimo. **(Voltando ao seu tom anterior.)** É interessante que tenha feito perguntas a respeito das molduras. Eu pensei que você fosse me perguntar sobre o baralho pornográfico.

PETER (Com um sorriso malicioso) – Oh, eu já vi um desses baralhos.

JERRY (Encosta-se ao banco) – Isto não vem ao caso. **(Rindo.)** Acho que em criança, você e seus amigos o passavam de mão em mão, ou tinham o seu próprio baralho?

PETER – Bom, eu acho que muitos de nós tínhamos.

JERRY – E você jogou fora, pouco antes de crescer e casar?

PETER – Escute aqui. Depois que eu cresci, nunca mais precisei dessas coisas.

JERRY – Não?

PETER (Envergonhado) – Prefiro não falar nisso.

JERRY – Nesse caso, não fale. Além disso, eu não estava tentando sondar a sua vida sexual depois da adolescência, e seus tempos difíceis. O que eu queria fazer é estabelecer a diferença entre um baralho pornográfico, quando se é criança e um baralho pornográfico, quando se é mais velho. É que em criança, a gente usa a fantasia como substituto para a experiência verdadeira, e quando se é mais velho, usa-se a experiência verdadeira como substituto para a fantasia. Mas acho que você está mais interessado em saber o que aconteceu no zoológico.

PETER (Com entusiasmo) – Ah, sim, o zoológico. **(Depois, estranhamente.)** Isto é..., se você...

JERRY – Eu já falei do quarto andar da pensão onde moro. Creio que os quartos vão melhorando quando se vai descendo andar por andar. Acho, mas não tenho certeza. Não conheço – nos andares de baixo – ninguém. Oh, espere: sei que no terceiro andar mora uma mulher, na frente. Sei, porque está sempre chorando. Sempre que eu saio ou volto para casa, toda a vez que passo pela sua porta, eu escuto seu choro, um choro abafado, mas..., muito vivo, mesmo. Mas onde eu estou querendo chegar? E tudo por causa do cachorro e da dona da pensão. Eu não

gosto de usar palavras fortes demais, para descrever pessoas. Não gosto. Mas a dona da pensão é gorda, feia, má, estúpida, suja, vagabunda, bêbada, um saco de lixo, enfim. E você deve ter reparado que, raramente, uso palavras pesadas, de modo que eu não posso descrever essa mulher com a devida exatidão.

PETER – Sua descrição foi..., brilhante.

JERRY – Bem, obrigado. Em todo o caso, ela tem um cachorro... E ela com o cachorro são os porteiros de minha residência. Essa mulher é uma megera, fica encostada na escada do corredor, espionando para ver se trago coisas ou pessoas comigo. No meio da tarde, depois de tomar sua garrafa de gin com limão, ela sempre me pára no corredor, agarra meu casaco ou meu braço e aperta seu corpo nojento contra o meu, para me reter num canto e poder falar comigo. O cheiro de seu corpo e seu hálito... Faça uma idéia..., mas em alguma parte, em algum lugar, no fundo daquele cérebro, que só pode ter o tamanho de uma ervilha, um órgão cresceu suficientemente para fazê-la comer, beber e vomitar, proporcionando a ela alguma grotesca paródia de desejo sexual. E eu, Peter, eu sou o objeto de sua lascívia que fede a suor.

PETER – Isto é revoltante... É medonho.

JERRY (Acercando-se de Peter) – Mas achei uma maneira de conservar essa mulher à distância. Quando ela fala comigo, quando se aperta contra o meu corpo e grunhe coisas diferentes e referentes ao meu quarto e à visita que eu lhe devo, digo simplesmente: mas, meu amor, e o nosso encontro de ontem não te satisfez? E anteontem? Depois disso, ela fica atordoada, aperta seus olhinhos minúsculos, cambaleia um pouco e depois Peter – e é nesse momento

que penso que talvez eu esteja praticando algum bem naquela casa atormentada -, um sorriso estúpido começa a formar-se em seu rosto inconcebível e ela dá uma gargalhada e resmunga, enquanto pensa em ontem e anteontem, enquanto acredita e recorda o que nunca aconteceu. Depois faz um sinal ao monstro negro, que é aquele cachorro, e volta ao seu quarto. E eu fico salvo até o nosso próximo encontro.

PETER – É tão... **(Estremecendo.)** Eu acho difícil acreditar que pessoas como esta, realmente existam.

JERRY (Ligeiramente zombeteiro) – É coisa que só se vê em livros, não é?

PETER – É.

JERRY – Os fatos ficam melhores na ficção. Tem razão, Peter. Bem, o que eu estava querendo contar era a respeito do cachorro, e agora eu vou lhe contar.

PETER (Nervoso) – Ah é, o cachorro.

JERRY – Não se vá. Você não está pensando em ir embora, está?

PETER – Bem, eu... Não, eu acho que não.

JERRY (Como se estivesse falando com uma criança) – Porque depois que eu tiver falado do cachorro, sabe o que vem, então?... Então..., o que aconteceu no zoológico.

PETER – Você... Você é todo cheio de histórias, não?

JERRY – O senhor não é obrigado a escutar. Ninguém o está segurando, lembre-se disto. Fique com isso na cabeça.

PETER (Irritado) – Eu sei.

JERRY – Sabe. Muito bem. Muito bem. A HISTÓRIA DE JERRY E O CACHORRO. O que eu vou lhe contar, tem alguma coisa a ver com o fato de termos, às vezes, de nos afastar muito de nosso caminho, para voltarmos uma pequena distância na direção certa. Ou talvez, seja somente eu quem pense assim. Mas foi por isso que hoje eu fui ao zoológico, foi por isso que andei na direção norte... Ou melhor: boreal..., até chegar aqui. Muito bem. O cachorro – acho que já lhe contei – é um monstro negro, uma besta, com uma cabeça desproporcional, uma orelhinha minúscula e os olhos avermelhados de sangue – talvez porque tenha uma infecção -, e um corpo que dá para contar as costelas através da pele. O cachorro é preto, todo preto, com exceção dos olhos vermelhos... Sim..., e uma ferida aberta na sua pata dianteira direita. A ferida também é vermelha. E, ah sim, acho que é um cachorro velho... O certo é que está maltratado... Ele tem, quase sempre, uma ereção... Isto também é vermelho... E... Que mais?... Ah, sim: há também uma cor de cinza amarela esbranquiçada quando ele mostra os dentes. Assim: Grrrrrrrrrr! Foi isso que fez quando me viu pela primeira vez..., no dia em que eu mudei para lá... Fiquei preocupado com aquele animal desde o primeiro momento em que o vi. Os animais não simpatizam comigo, como faziam com São Francisco, que vivia com pássaros dependurados nele o tempo todo. O que eu quero dizer é que os animais me são indiferentes, como as pessoas **(sorri ligeiramente.),** na maioria das vezes. Mas esse cachorro não me foi indiferente. Desde o comecinho, ele rosnava e depois avançava para pegar uma de minhas pernas. Não era raivoso, não: era um cachorro meio manco, mas que corria muito bem, ainda, embora aos tropeções. Mas eu sempre conseguia fugir. Arrancou um

pedaço de minhas calças. Veja: aqui, aqui dá para ver o remendo. Foi no segundo dia que eu morei lá. Mas com um pontapé me livrei dele e subi pela escada depressa, de modo que ficou por isso mesmo. **(Pensativo.)** Até hoje, eu ainda não descobri como fazem os outros inquilinos. Mas sabe o que é que eu acho? Eu acho que era só comigo. Em todo o caso, isso continuou mais uma semana, cada vez que eu entrava. Mas quando saía, nunca. É engraçado. Ou melhor: era engraçado. Bem. Eu estava pensando sobre isso, um dia, no meu quarto, depois de ter sido corrido pelo cachorro até lá. Decidi: primeiro tratarei o cachorro com bondade, e se isso não der certo..., eu o matarei, simplesmente. **(Peter estremece.)** Não diga nada, Peter, só quero que escute. Assim, no dia seguinte, saí, comprei um pacote de sanduíches de carne mal passada, sem molhos, nem cebolas, e, no caminho para casa, joguei fora o pão e guardei só a carne. Quando voltei para a pensão, o cachorro estava me esperando. Entreabri a porta e lá estava ele. Tudo certo. Entrei com muito cuidado. Ele não esperava que eu trouxesse carne. Abri o embrulho e botei a carne a uns três metros de onde ele estava, rosnando para mim, daquele jeito. Assim, ele rosnou, parou de rosnar, farejou, andou devagar, depois mais depressa, e depois mais depressa ainda, na direção da carne. Bem, quando chegou perto, ele parou e olhou para mim. Sorri - mais como tentativa de agradar, compreende? Ele voltou o rosto na direção da carne, cheirou, farejou mais um pouco, e depois... ARRRRRGGGGHHHH! Assim... Avançou. Foi como se nunca na vida tivesse comido alguma coisa senão lixo. O que pode ter sido bem verdade. Acho que a dona da pensão só come lixo. Mas ele comeu toda a carne, quase tudo de uma vez, emitindo pela goela sons semelhantes aos de uma mulher. Depois, quando acabou de devorar a

carne, e quis comer também o papel, ele sentou e sorriu. É, acho que ele sorriu. Sei que os gatos fazem isso. Foram alguns momentos muito agradáveis. Depois, BAM!... Rosnou e avançou novamente para mim, desta vez – também -, ele não me pegou. Assim, cheguei lá em cima, deitei na cama e comecei a pensar novamente no cachorro. Para falar com franqueza, fiquei ofendido e ao mesmo tempo furioso. Seis sanduíches de carne. Fiquei ofendido. Mas depois de algum tempo, decidi repetir a mesma coisa durante alguns dias. Como você deve ter percebido, esse cachorro tinha verdadeira antipatia por mim – verdade mesmo. E eu fiquei imaginando se não poderia vencer essa antipatia. Então experimentei outros cinco dias, mas era sempre a mesma coisa, rosnar, farejar, movimento mais rápido, um olhar, devorar - ARRRRGGGHHHHH! -, sorriso, rosnar, e BAM! Bem, a essa altura, a Avenida Columbus já estava toda cheia de pedaços de pão de sanduíche. Assim, resolvi matar o cachorro. **(Peter levanta a mão e faz um sinal de protesto.)** Oh, não fique alarmado, Peter: eu não consegui. No dia em que procurei matar o cachorro, comprei só um sanduíche, e o que julgava ser uma porção mortífera de veneno para ratos. Quando comprei o sanduíche, disse ao homem, que não se preocupasse com o pão, que eu só queria a carne. **(De frente.)** Esperava dele alguma reação, como: “não vendemos sanduíches de carne sem pão”, ou “por quê?”, “vai comer com a mão?” Mas nada. Ele sorriu para mim e disse: “um bocado para seu gatinho de estimação?” Tive vontade de responder “não, não, isso faz parte de um plano para matar um cachorro, meu conhecido”, sem passar por louco. Por isso, respondi, e receio que tenha sido um pouco formal: “sim, de fato, um bocado para o meu gatinho de estimação”. Todos se voltaram para mim. É sempre a mesma coisa.

Quando procuro simplificar as coisas, os outros se voltam e me encaram. Mas isso não vem ao caso. Na volta para a pensão, amassei a carne e o veneno de ratos entre as mãos, e fiquei – ao mesmo tempo – triste e desgostoso. Abri a porta e lá estava o monstro, esperando para aceitar a oferta e depois avançar contra mim. Pobre coitado, nunca aprendeu que o momento que levava para sorrir, antes de avançar, me dava tempo suficiente para fugir ao seu alcance. Mas, lá estava ele, de olhar maligno, pau duro, esperando. Coloquei a carne envenenada no chão, fui para a escada e fiquei olhando. O pobre animal engoliu a comida – como sempre – o que me deixou quase enjoado, e depois, BAM!... Mas subi a escada a toda, como sempre. E aconteceu que a besta ficou à morte. Soube disso, porque ele não me esperava mais e porque a dona da pensão se moderou. Na mesma noite da tentativa do assassínio, ela me parou no corredor e me segredou que Deus dera ao seu cachorrinho de estimação, um golpe fatal. Ela tinha esquecido o seu desejo confuso, e vi, pela primeira vez, os seus olhos arregalados. Pareciam os olhos do cachorro. Ela choramingou e me implorou que rezasse pelo seu bichinho. Me deu vontade de gritar: “minha senhora, tenho vontade de rezar por mim mesmo, pela bicha negra, pela família porto-riquenha, pela pessoa que mora no quarto em frente, pela mulher que chora decidida atrás da porta fechada, e pelo resto da gente que mora em casa de cômodos, em todas as partes do mundo. Além disso, minha senhora, eu não sei rezar.” Mas..., para simplificar as coisas..., prometi que ia rezar. Ela olhou para mim e disse que eu era um mentiroso e que, provavelmente, queria que seu cachorro morresse – e como era verdade o que dizia! – e que ela não queria que isso tivesse acontecido. E eu também não, embora o

tivesse envenenado. Acho que tenho que lhe dizer que eu queria que o cachorro vivesse, para ver o que aconteceria com as nossas relações. Por favor, Peter, compreenda: essas coisas são importantes. Acredite em mim, isto é importante. Precisamos conhecer o efeito de nossas ações. Em todo o caso, o cachorro sarou. Não posso imaginar o motivo. Em todo o caso, o cachorro recuperou a saúde, e a dona recuperou a sua sede, de alguma forma aumentada, pela doença do cachorro. Quando voltei do cinema da Rua Quarenta e Dois, onde assisti a uma fita que já havia visto - ou muito parecida com uma que já havia visto ou com várias que já havia visto -, depois que a dona da pensão me contou que o cachorro já estava melhor, eu tive a esperança de encontrá-lo à minha espera. Sentia-me bem..., como diria?... Seduzido... Fascinado não, não creio... Sentia uma dilacerante ansiedade... É isto: eu sentia uma dilacerante ansiedade, etc., de enfrentar novamente meu amigo canino. Entrei pela porta e, sem medo, avancei para o centro do vestíbulo. A besta estava lá... Olhando para mim... E quer saber de uma coisa? Sua cara parecia bem melhor. Parei, olhei para ele... Ele olhou para mim. Acho que ficamos um tempão assim... Parados, que nem pedra... Só nos olhando. Quer dizer, eu posso me concentrar mais, olhando para a cara do cachorro, do que o cachorro pode se concentrar, olhando para a minha cara, ou de quem quer que seja. Mas, durante aqueles vinte segundos ou duas horas que nos fitamos, estabelecemos um contato. Aí é que está: **(acerca-se de Peter.)** aconteceu o que eu queria que acontecesse. Eu amava aquele cachorro e queria que ele me amasse também. Eu tinha tentado amar e tinha tentado matar e tinha fracassado nas duas coisas. Eu esperava..., e não sei como pude esperar que um cachorro compreendesse alguma coisa,

muito menos minha lógica... Eu esperava que o cachorro pudesse compreender... **(Peter parece hipnotizado.)** O fato... O fato... É que... **(Jerry a esta altura está num estado de tensão anormal.)** é que..., se não se sabe lidar com as pessoas, é preciso começar com alguma outra forma: com animal **(muito mais depressa, como um conspirador.)** não vê? A pessoa precisa ter alguma maneira de lidar com alguma coisa. Se não é com gente... Se não é com gente... ALGUMA COISA. Com uma cama, uma barata, um espelho... Não, não, isso seria muito difícil, demais. Este é um dos últimos recursos. Com uma barata, com um tapete, com um rolo de papel higiênico... Não, isso também não... O rolo de papel higiênico também é um espelho: verifique se ele não está sempre sangrando. Vê como é difícil encontrar as coisas? Com uma esquina de rua, uma quantidade grande de luzes, todas as cores refletidas nas ruas, unidas e oleosas..., com uma nuvem de fumaça, uma coluna..., de fumaça... Com baralhos pornográficos, com um cofre..., sem trinco... Com o amor... Com o vômito... Com o pranto... Com a fúria..., porque as prostitutas são uma mentira..., com lucrar dinheiro com seu corpo que é um ato de amor, que eu posso provar com um urro, porque se está vivo... Com Deus! Que tal? Com Deus, que é uma bicha negra que usa quimono e depila as sobrancelhas, que é uma mulher que chora decidida atrás da porta fechada do seu quarto... Com Deus que, conforme dizem - virou as costas para a coisa toda, há algum tempo atrás... Com... Algum dia... Com gente. **(Jerry suspira pesadamente e se aproxima na palavra.)** Gente... Com uma idéia, um conceito. E que lugar melhor para comunicar uma idéia simples do que o hall de entrada da minha pensão? Lá eu tinha UM COMEÇO! O que, melhor do que um começo..., para compreender ou ser possivelmente

compreendido..., para o começo de compreensão, do que um cachorro? **(Aqui Jerry parece quase cair numa grotesca fadiga.)** Só isso! Um cachorro. **(Silêncio. Aqui se fará um silêncio que poderá ser prolongado por um momento depois que Jerry termina sua história, exausto.)** UM CACHORRO, parece-me uma idéia sensata. O homem é o melhor amigo do cão. Assim, o cachorro e eu nos fitamos. Eu, mais tempo do que o cachorro. E o que vi, então, nunca mais mudou. E agora sempre que nos vemos, paramos onde estamos, olhamo-nos com uma mistura de tristeza e desconfiança, e depois fingimos indiferença. Passamos um pelo outro em segurança. Chegamos a um acordo. É muito triste, mas há de se concordar que não deixa de ser um acordo. Tínhamos feito várias tentativas no sentido de estabelecermos um contato, todas fracassadas. O cachorro voltou ao lixo, e eu à minha passagem livre e solitária. O que eu quero dizer é que eu não voltei, eu ganhei a passagem livre e solitária, se é que essa perda possa ser chamada de ganho. Aprendi, que nem a bondade, nem a crueldade por si, independentes uma da outra, criam qualquer efeito, além de si mesmas, e aprendi que as duas juntas, combinadas, no mesmo tempo, são a emoção exemplar. E o que se ganha é o que se perde. E qual foi o resultado? O cachorro e eu chegamos a um acordo, uma espécie de trato. Não amamos nem magoamos, porque não procuramos nos alcançar mutuamente. E não terá sido um ato de amor o fato de eu querer alimentar o cachorro? E, talvez, não teriam sido as tentativas que faziam o cachorro parar de me morder, um ato de amor? Se podemos nos equivocar a tal ponto, bem, neste caso, para começar, por que inventamos a palavra ‘amor’? **(Faz-se um silêncio. Jerry acerca-se do banco de Peter e senta-se ao seu lado.)** A história de Jerry e o

cachorro. FIM. **(Peter fica em silêncio.)** E então, Peter? Acha que eu poderia vender esta história para as Seleções do Reader's Digest e ganhar uma centena de dólares pela descrição "meu tipo inesquecível', hein? **(Jerry está animado, mas Peter, perturbado.)** Vamos Peter, diga o que achou!

PETER (Estarrecido) – Eu... Eu não compreendo o que... Eu não creio que eu... **(Agora está quase chorando.)** Por que me contou tudo isso?

JERRY – E por que não?

PETER – Eu não entendi.

JERRY (Sussurrando, mas furioso) – Isto é mentira.

PETER – Não, não é.

JERRY – Procurei explicar tudo, enquanto contava a história. Falei devagar: ela se refere a...

PETER – Não quero ouvir mais nada. Eu não entendo você, nem a dona da pensão, nem o cachorro dela.

JERRY (Confuso) – Cachorro "dela"!... Eu pensei que fosse meu... Não, não. Tem razão. O cachorro é dela. **(Olha intensamente para Peter, sacudindo a cabeça.)** Não sei onde eu estava com a cabeça. É claro que você não pode compreender. **(Num tom monótono e exausto.)** Não moro na sua rua, não sou casado com dois periquitos, ou, sei lá, qual o seu arranjo. Eu sou um eterno errante e meu lar são as repugnantes casas de cômodos da zona oeste de New York, a maior cidade do mundo, amém.

PETER – Eu não tive a intenção de...

JERRY – Esqueça. Acho que você não sabe muito bem o que pensar de mim, não é?

PETER (Gracejando) – Nós, editores, precisamos lidar com todo o tipo de gente.

JERRY (Forçando a risada) – Você é um homem engraçado. Sabe disso... Você é um grande cômico.

PETER (Modesto, mas divertido) – Vamos, deixe disso.

JERRY – Peter: gostaria de saber se eu te deixo chateado ou confuso.

PETER (Despreocupadamente) – Bem, eu devo admitir que não fosse esse o tipo de tarde que eu esperava.

JERRY – Em outras palavras: eu não sou o cavalheiro que o senhor esperava.

PETER – Eu não esperava ninguém.

JERRY – É, de fato, tem razão. Bem, aqui estou e não pretendo ir embora.

PETER (Passando a mão pela frente de Jerry para apanhar seu livro) – Bem, você pode não pretender, mas daqui a pouco eu preciso voltar para casa.

JERRY – Ora, vamos, fique mais um pouco.

PETER – Preciso ir andando. Você sabe...

JERRY (Cutucando as costas de Peter com o dedo) – Ah, vá...

PETER (Que tem cócegas, quando Jerry continua a cutucá-lo sua voz torna-se um falsete) – Não, oh... Não faça isso. Pare... Oh... Não, não.

JERRY – Vamos, vá...

PETER (Enquanto Jerry lhe faz cócegas, improvisando) – Oh, ih, ih... Eu preciso ir. Eu..., hi, hi, hi... Afinal de contas, pare, pare... Hi, hi, afinal de contas, os periquitos estão preparando o jantar... Hi, hi, os gatos estão pondo a mesa... Pare, pare e... **(Peter agora está fora de si.)** e..., vamos ter... Hi, hi, hi. **(Jerry pára de fazer-lhe cócegas, mas a combinação das cócegas com a maluquice faz Peter rir quase histericamente. Enquanto suas gargalhadas continuam, e depois se acalmam Jerry o observa com um curioso sorriso.).**

JERRY – Peter.

PETER – Oh, ah, ah... O que é?

JERRY – Escute aqui.

PETER – Oh, oh, oh... O que é Jerry? Oh, meu Deus.

JERRY (Misterioso) – Peter, você quer saber o que aconteceu no zoológico?

PETER – Ah, ah, ah... Onde? Ah, sim. No zoológico. Oh, oh, oh. Bem, por momentos cheguei a montar meu próprio zoológico, com..., ih, ih, ih..., os periquitos aprontando o jantar e os..., ah, ah, ah... Como foi mesmo? Os...

JERRY (Calmo) – Sim, Peter, foi engraçadíssimo. Muito mais do que eu tinha imaginado. Mas você quer ou não quer ouvir o que aconteceu no zôo?

PETER – Sim, claro que sim. Conte o que aconteceu no zoológico. Oh, meu Deus, não sei o que aconteceu comigo.

JERRY – Agora, então, eu vou lhe contar o que aconteceu no zoológico. Mas antes eu preciso lhe dizer o motivo por

que eu estive no zoológico. Fui ao zoológico, para me aprofundar um pouco mais nas relações entre homens e animais, entre animais entre si e os homens também... Provavelmente foi uma experiência não muito justa, porque todo mundo estava separado de todo mundo - por grades -, os animais uns dos outros, na maioria dos casos, e as gentes dos animais, sempre. Mas o que quer? Os zoológicos são assim mesmo. **(Cutucando amavelmente o braço de Peter.)** Vá mais para lá.

PETER – Desculpe, mas você não tem bastante espaço **(ele se afasta um pouco.).**

JERRY (Com um sorriso apagado) – Bem, todos os animais estão lá, e uma porção de gente está lá, e é domingo, e todas as crianças estão lá. **(Torna a cutucar o braço de Peter.)** Vai mais para lá.

PETER (Paciente, ainda amigavelmente) – Está bem.

JERRY – E é um dia quente, de modo que todo o fedor está lá e todos os vendedores de balões e todos os sorveteiros, e todas as focas estão latindo e todas as aves estão gritando. **(Cutuca Peter com mais força.)** Vá mais para lá.

PETER (Começa a aborrecer-se, mas afasta-se mais, estando praticamente apertado em uma das pontas do banco) – Escute aqui, você tem lugar de sobra.

JERRY – E eu estou lá, e está na hora de comer na jaula dos leões e o guarda dos leões entra na jaula dos leões. Numa das jaulas dos leões para dar de comer a um dos leões. **(Cutuca com força o braço de Peter.)** Vai mais para lá.

PETER (Muito aborrecido) – Não posso ir mais para lá, e pare de me bater. Afinal de contas, o que há com você?

JERRY – Você quer ou não quer ouvir a história? **(Torna a bater em Peter.).**

PETER (Perplexo) – Não sei, não. O que eu quero é que você não me dê socos no braço.

JERRY (Socando-o novamente) – Assim?

PETER – Pare com isso! O que há com você?

JERRY – Estou louco, seu merda!

PETER – Isso não tem graça.

JERRY – Escute aqui, Peter. Quero esse banco para mim, vá sentar-se naquele outro ali e, se ficar bonzinho, eu conto o resto da história.

PETER (Confuso) – Mas... Meu Deus, para quê? O que deu em você? Além disso, não há nenhuma razão para eu sair deste banco. Eu sento aqui quase todos os domingos à tarde, quando faz bom tempo. É um lugar sossegado e nunca ninguém senta aqui, de modo que eu tenho o banco todinho para mim.

JERRY (Baixinho) – Saia deste banco, Peter. Quero-o para mim.

PETER (Quase ganindo) – Não.

JERRY – Eu disse que quero esse banco e vou ficar com ele. Vamos, dê o fora daí!

PETER – Não podemos ter tudo o que se quer. Você devia saber. É uma norma! As pessoas podem ter algumas das coisas que desejam, mas não tudo.

JERRY (Rindo) – Imbecil! Você é uma besta!

PETER (Intenso) – Agora você vai me ouvir. Te agüentei a tarde inteira.

JERRY – Nem tanto.

PETER – Em todo o caso, o tempo suficiente. Agüentei o tempo suficiente. Escutei o que você dizia por que parecia... Bem, porque achei que você precisava conversar com alguém...

JERRY – Você fala de modo econômico, e mesmo assim, oh, qual é mesmo a palavra que estou procurando para fazer justiça à sua... Cristo, você me enoja... Saia daqui e me dê o meu banco.

PETER – Meu banco.

JERRY (Empurra Peter e por um triz não o derruba do banco) – Saia da minha frente.

PETER (Recuperando a sua posição) – Vá para o inferno! Chega! Estou com você até aqui. Eu não vou te dar esse banco. Ele não pode ser seu. Acabou-se. Agora, vá-se embora. **(Jerry bufa, mas não se move.)** Vá-se embora daqui, eu já disse. **(Jerry não se move.)** Saia daqui! **(Jerry derruba Peter do banco.)** Se você não for embora... Você é um vagabundo... Isso é o que você é... Se você não for embora eu chamo um guarda... Estou lhe avisando, eu vou chamar a polícia.

JERRY – Você não vai achar nenhum guarda por aqui. Estão todos no outro lado do parque, atrás das bichas, tirando-as do mato e de cima das árvores. É isso que eles fazem, por isso, pode gritar à vontade. Não vai adiantar nada.

PETER – Polícia! Estou avisando, farei com que você seja preso. Polícia! **(Pausa.)** Eu disse. Polícia! **(Pausa.)** Sinto-me ridículo.

JERRY – Mas você é ridículo: um marmanjo como você chamando a polícia numa tarde ensolarada de domingo, no parque, quando ninguém quer lhe fazer mal. Se um guarda aparecesse por aqui, você seria tomado por um débil mental.

PETER (Imponente, dando um passo na direção de Jerry) – Meu Deus, eu só vim aqui para ler um livro e você agora me toma o banco. Você é que está louco.

JERRY – Eu estou sentado nele e por isso você nunca mais terá o seu precioso banco.

PETER (Furioso, acercando-se de Jerry) – Olha aqui! Saia do meu banco! Não me interessa se estou agindo com bom senso ou não. Quero esse banco para mim e quero que você saia daí.

JERRY (Zombeteiro) – Ahhhh... Olha quem está ficando nervoso.

PETER – Saia.

JERRY – Não.

PETER – Eu estou avisando.

JERRY – Você não imagina como está ridículo.

PETER (Possuído pela fúria e pelo constrangimento) – Não me interessa. **(Possuído pela fúria. Neste momento está quase chorando.)** Saia do meu banco!

JERRY – Por quê? Você tem tudo quanto desejava ter. Contou-me de sua casa, de sua família e de seu zoológico

particular. Você já tem tudo e agora quer também esse banco. São estas as coisas pelas quais lutam os homens? Diga Peter: este banco aqui, este ferro, estas tábuas, está nisso a sua honra? Pode pensar em maior absurdo?

PETER – Absurdo? Olhe, eu não vou discutir honra com você, nem vou tentar explicar. Não é uma questão de honra. Mas mesmo que fosse você não ia entender.

JERRY (Desdenhoso) – Você nem sabe o que está falando, sabe? Esta deve ser a primeira vez em sua vida, que enfrenta alguma coisa mais difícil do que trocar a caixa que seu gatinho faz xixi!

PETER (Trêmulo) – Há anos que venho aqui. Passo horas de grande prazer, grande satisfação, neste mesmo lugar. E isto é importante para um homem. Sou uma pessoa responsável, um ADULTO. Este aqui é o meu banco. Você não tem o direito de tirá-lo de mim.

JERRY – Neste caso, lute por ele. Defenda-se, defenda o seu banco.

PETER – Você me forçou a isso. Levanta-se e defenda-se.

JERRY – Como homem?

PETER (Ainda zangado) – Sim, como homem, já que você insiste nessa gozação.

JERRY – Uma coisa eu preciso reconhecer a seu favor: você é de fato um vegetal, e, creio, por sinal, ligeiramente míope...

PETER – Chega!

JERRY – Mas, sabe: é como dizem sempre na televisão, e olhe que eu estou falando sério, Peter. Você tem uma dignidade que me surpreende...

PETER – Pare...

JERRY (Levanta-se preguiçosamente) – Muito bem, Peter: vamos lutar por esse banco, mas só que a luta não vai ser igual. **(Tira do bolso uma faca de aparência sinistra.).**

PETER (Apercebendo-se, subitamente, da seriedade da situação) – Você está louco. Louco varrido. Você vai me matar. **(Antes de Peter refletir sobre o que deverá fazer, Jerry joga a faca aos pés de Peter.).**

JERRY – Pronto. **(Chuta a faca para Peter.)** Pegue. Com essa faca a luta vai ser igual.

PETER (Horrorizado vai ao fundo. Jerry agarra-o, empurrando-o) – Não!

JERRY (Acerca-se correndo de Peter, segurando-o pela gola. Peter levanta e seus rostos quase se tocam) – Agora você vai levantar essa faca e lutar comigo. Lute pelo seu orgulho, lute por esse maldito banco.

PETER (Escapando. Jerry o apanha novamente) – Me deixe ir embora, me largue. Socorro! Socorro!

JERRY (Forçando Peter para o fundo do palco. Cada vez que pronunciar a palavra "lute", dará em Peter uma bofetada) – Lute: seu puto! Lute pelo seu banco! Lute pelos seus periquitos! Lute pelos seus gatos! Lute pelas suas duas filhas! Lute pela sua vida! Lute pela sua masculinidade, seu vegetalzinho patético. **(Atira Peter**

diante do banco.) Você que nem ao menos conseguiu fazer sua mulher ter um filho homem.

PETER – É uma questão de genética e não de masculinidade, seu... Seu monstro. **(Ele agacha-se, apanha a faca e recua um pouco, respirando pesadamente.)** Vou lhe dar uma última chance: sai daqui e me deixe em paz! **(Jerry pula por cima do banco, indo até a lata de lixo. Peter segura a faca com o braço firme, mas estendido, não para atacar, mas, sim, para defender-se.).**

JERRY (Com um profundo suspiro) – Assim seja! **(Com um impulso, ele avança para Peter e se espeta na ponta da faca. Por um momento faz-se um completo silêncio. Jerry, espetado na faca, na extremidade do braço estendido de Peter, que depois grita e recua, deixando a faca espetada em Jerry. Jerry fica imóvel no lugar. Depois, ele também solta um grito que é o som de um animal enfurecido e fatalmente ferido. Com a faca enterrada no peito, ele cambaleia, recuando até o banco que Peter desocupou. Cai sentado sobre o banco, fitando Peter, os olhos arregalados na sua agonia, a boca aberta.).**

PETER (Sussurrando) – Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!... **(Ele repete as palavras muitas vezes e muito depressa.).**

JERRY (Jerry está morrendo, mas agora a sua expressão parece mudar. Suas feições ficam descansadas, enquanto sua voz varia - várias vezes -, contorcida pela dor) – Obrigado, Peter. Agora eu estou sendo sincero: muito obrigado. **(A boca de Peter se abre. Ele é incapaz de mover-se. Está transfigurado.)** Oh,

Peter, eu estava com tanto medo que você fosse embora. **(Ri o melhor que pode.)** Você não sabe o medo que eu tive que você fosse embora e me deixasse. Eu agora vou contar o que aconteceu no zoológico. Eu acho... Acho que foi isso que aconteceu no zoológico... Eu acho... Acho que enquanto estava no zoológico, resolvi..., que andaria rumo ao norte, até encontrar..., você... Ou alguém..., e..., eu resolvi conversar com você..., contar coisas..., essas coisas que eu queria contar... Bem, aqui estamos. Está vendo? Aqui estamos. Mas..., eu não sei... Será que eu planejei tudo isso? Não... Não... Eu não podia ter planejado tudo. Mas acho que planejei. E agora você já sabe o que verá na televisão... O rosto de quem eu lhe falei... Meu rosto... O rosto que você está vendo na sua frente. Peter... Peter... Peter... Obrigado. Eu vim até você. **(Ele ri, muito baixo.)** Você me confortou, querido Peter.

PETER (Quase desmaiando) – Oh, meu Deus!

JERRY – É melhor você ir embora. Pode aparecer alguém, e você não vai querer estar aqui quando alguém chegar.

PETER (Não se move, mas começa a chorar) – Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

JERRY (Baixíssimo. Ele está muito próximo à morte) – E, Peter, agora eu vou dizer uma coisa: você não é um vegetal, você é um animal. Um animal, sim senhor. Mas acho melhor você ir embora, Peter. Ande logo. Acho bom você ir embora... Ouviu? **(Lentamente Peter vai para o fundo. Jerry pega um lenço e com grande esforço e dor, esfrega a faca para apagar as impressões digitais.)** Vá correndo, Peter. Espere... Espere Peter. Leve o seu livro. **(Peter pára.)** Está aqui... Ao meu lado... No seu banco..., ou melhor, meu banco. Venha pegar o seu livro.

(Peter aproxima-se.) Depressa... Peter. **(Peter tira o livro da mão de Jerry.)** Muito bem, Peter... Muito bem... Agora... Vá, depressa. **(Peter hesita um momento, depois foge.)** Vá depressa... **(Agora seus olhos estão fechados.)** Corra... Os seus periquitos estão preparando o jantar... Os gatos..., estão pondo a mesa... Pe...

PETER (Vai para o fundo e sai) – Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! **(Fora, um uivo deplorável.)** Oh, meu Deus!

JERRY (De olhos fechados, sacode a cabeça e fala - numa mistura de mímica desdenhosa e súplica) – Oh... Meu... Deus!... **(Morre.).**

FIM